

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO IV, Nº204 FEVEREIRO - PORTO VELHO, 2006
Volume XV Janeiro/Março

ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 150 EXEMPLARES

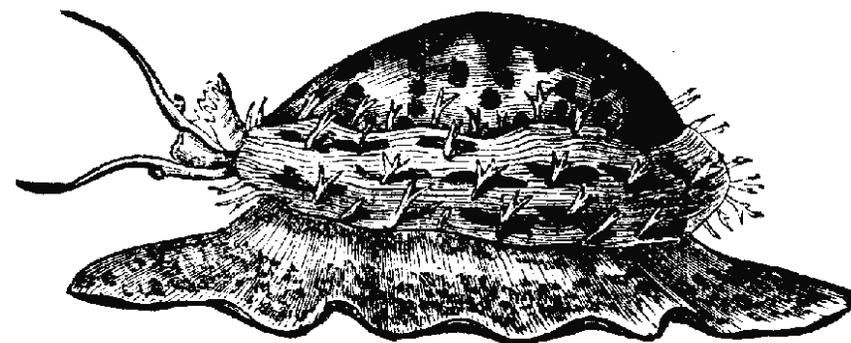
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

204



A CRIAÇÃO DE UM MUNDO

Deyvesson Israel Gusmão



A CRIAÇÃO DE UM MUNDO

Deyvesson Israel Gusmão
gusmao@unir.br

"Cada lugar é, à sua maneira, o mundo."

Milton Santos

Este artigo nasce a partir de um dos pontos da interpretação que tenho feito das narrativas de Soldados da Borracha. Em síntese, este é um dos pontos a que tenho me apegado no trabalho de História Oral desenvolvido no programa de Mestrado em Geografia, intitulado ENTRE MUNDOS, que desenvolvi como bolsista de iniciação científica e tem se desdobrado no projeto de dissertação de mestrado denominado ENTRE MUNDOS – História Oral com Soldados da Borracha, que está sendo desenvolvido dentro do programa de Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia.

Em geral, os trabalhos sobre migração e populações tradicionais contemplam as questões relacionadas ao espaço e à formação deste, à territorialidade, ao lugar e suas questões. Contudo, na maioria das vezes, é muito mais valorizado o aspecto geográfico do que o humano. A História Oral é campo do conhecimento a partir do qual podemos abarcar e arregimentar para nossa interpretação todas as categorias citadas, trazendo sobre elas a valorização do aspecto humano da Geografia, pelo fato de que a constituição da matéria da História Oral, a memória, está profundamente atrelada ao processo de construção de uma identidade. E esse processo implica noutro: o de constituição do lugar.

A História Oral de que aqui tratamos se utiliza de um processo transcriativo que, através de um diálogo colaborativo, nos permite sondar instâncias das experiências de vida que, por ir ao encontro do outro e em busca da experiência pessoal, dimensiona o vivido dentro de uma perspectiva de tempo presente onde o passado aparece como um momento narrativo recriado pelo entrevistado. Trabalhos como Calama: uma comunidade no Rio Madeira (Caldas, 2000) e Seringueiros da Amazônia: Sobreviventes da Fatura (Santos, 2002) são exemplos dessa possibilidade da valorização do aspecto humano da disciplina geográfica, tendo a História Oral como instrumento mediador deste processo, como elemento que possibilita que venham à tona as relações sociais mais íntimas (relação homem/natureza e relação homem/homem) que fundamentam a formatação do espaço e a criação do lugar.

A leitura das narrativas, que foram constituídas a partir de uma metodologia específica de História Oral, tem sido feita com base na obra A Câmara Clara, de Roland Barthes (1984), onde o autor define a interpretação como uma projeção criada pelo intérprete a partir de um detalhe – o punctum. A idéia de detalhe é a imagem significativa escolhida nos textos dos colaboradores, imagens essas que estamos relacionando e pondo em diálogo com autores como Santos (1997) e Eliade (1992; 2002), onde buscamos multiplicar sentidos a partir do ponto comum encontrado nas narrativas, quando poderemos tratar das questões dos mitos e do imaginário amazônico e qual a participação do nordestino na constituição desse imaginário. Além disso, serão tratadas aqui questões relativas aos conceitos de espaço e lugar, bem como a relação entre estas duas instâncias.

Os Soldados da Borracha foram assim intitulados por terem vindo para a Amazônia durante a Segunda Guerra Mundial a fim de trabalharem na₂

produção de borracha silvestre, que era fornecida aos países aliados. Houve então um fluxo migratório induzido por uma política de Estado, fluxo esse que trouxe mais de cinquenta mil homens para a região amazônica.

A vida dos Soldados da Borracha, desde a saída do Nordeste, é uma vida entre dois mundos: o nordestino e o amazônico. A relação desses homens com a Amazônia dá-se, inicialmente, de maneira conflituosa. Eles interiorizaram uma vivência “natural” do mundo nordestino e quando chegaram na Amazônia, desterritorializados, estabeleceram uma relação de estranhamento, onde as imagens da natureza nordestina entram em conflito com as constatações das formas da natureza amazônica. Inicia-se então um processo de (re)significação do novo espaço, a fim de que seja transformado em lugar, o locus da relação e dos sentidos.

Em virtude da inexperiência na mata o soldado da borracha foi inicialmente estereotipado como o “brabo”, pois não sabia a forma com deveria trabalhar, sendo também denominado de “arigó”, por ser migrante. Mais tarde essa denominação permanece, contudo aqueles que já se tornaram experientes na lida com a seringa e entendidos da linguagem cabocla passam a ser “mansos” e não mais “brabos”. No geral, independentemente de serem “mansos” ou “brabos” esses homens e suas famílias – apesar de a maioria dos soldados da borracha terem chegado solteiros à região amazônica – eram caracterizados como “cearenses”, não importando de que Estado da federação vieram (Benchimol, 1999:35). Dessa forma o caboclo amazônico caracteriza grosseira e indiscriminadamente esses homens como estranhos ao ninho amazônico e acabam apagando suas diferenças individuais, sendo o grupo caracterizado por semelhanças superficiais.

O espaço “natural” da Amazônia é reconstruído e ressignificado por estes homens a partir do estranhamento e das relações constituídas dentro do mundo amazônico. E também a partir do estranhamento o homem nordestino vai criar um novo mundo, que não será nem aquele que ele deixou no Nordeste e nem muito menos o mundo amorfo que ele encontrou na Amazônia.

A organização do seringal assenta-se no trabalhador que vive na mata, distante do convívio com os outros. A mata para o Soldado da Borracha possui vida e vontade própria e apresenta-se, pela sua estrutura simbólica, como filha e fruto da comunhão da água com terra. As Águas, que trazem em seu curso os sedimentos responsáveis pela inseminação e fertilização da Terra – elemento símbolo da fecundidade – aparecem não só como fonte de origem, mas também como elemento mantenedor da vida na mata (Eliade, 1992: 110). As terras amazônicas, acolhedoras do homem nordestino, são responsáveis por parir a mata, território desconhecido e “desocupado” que aparece, ao olhar do migrante, como um outro mundo e, por ser um outro mundo/um mundo de outro, apresenta-se sem forma, na modalidade de Caos (Eliade, 1992: 34).

A partir da ação desses homens sobre essa massa verde caótica que se espalha sobre a terra, inicia-se um processo de organização, de cosmicização do Caos. O homem passa a agir sobre o mundo caótico, amorfo, a fim de transformá-lo simbolicamente em Cosmos, em Mundo, em “seu-mundo”, em seu lugar, ou seja, em seu espaço conhecido (Eliade, 1992: 32), passando a ser aqui espaço íntimo de relações do homem com o próprio homem e do homem com a exterioridade, ou seja, espaço socialmente produzido, fruto da ação social sobre a forma. Não a forma em si, como simples objeto, mas a forma-conteúdo, objeto social carregado de valor, que será, por sua vez atribuída de novos valores, ressignificada (Santos, 1997: 88).

A transformação do Caos em Cosmos é criação. Essa criação se dá através da ritualização das atividades exercidas pelo soldado da borracha. Através³

da atuação, ou seja, de atos regularizados, rotineiros sobre a forma, o homem passa a produzir uma ordem instauradora de temporalidades e de espacialidades (Santos, 1997: 64). Assim, a repetição do trabalho diário – sair de manhã cedo ou até mesmo de madrugada, cortar a seringueira, colher o látex e defumá-lo para obter as pélas de borracha – torna-se um movimento ritual que vai estruturar e organizar o espaço da mata, colocar nela os referenciais de que o Soldado da Borracha precisa para nela viver e dela tirar seu sustento. Dessa maneira o que se dá é um processo de consagração desse espaço, processo que, segundo Eliade (1992: 36), implica numa escolha existencial: a escolha do Universo que se está pronto a assumir ao “criá-lo”.

Assim a mata necessita de quem a consagrou e a sociabilizou, de quem a criou, tanto quanto o seu criador necessita dela para poder ter um referencial para sua existência: ninguém existe sem um lugar, da mesma maneira que é impossível um lugar sem uma presença. A presença é que vai criar códigos que vão dar significados ao espaço que, por sua vez, surge como concretização do modo de agir de uma sociedade, ou seja, como projeção de uma práxis (Caldas, 1997: 9).

Esse processo de sociabilização, de formação e criação do existente, de criação de um mundo, é responsável por tornar o “brabo” em um “manso”, ou seja, fazer do homem nordestino recém chegado e inapto ao serviço de extração do látex – além de desconhecedor de um espaço físico complexo como o da floresta – um homem apto ao trabalho com a seringueira e pronto para o convívio social com a mata.

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. A Câmara Clara. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1984.

BENCHIMOL, Samuel. Os “Cearenses” – Nordestinos na Amazônia. In Amazônia – Formação Social e Cultural. Valer, Manaus, 1999.

CALDAS, Alberto Lins. Interpretação e Realidade. Caderno de Criação, UFRO/Dep. de História/CEI, n.º 13, ano IV, Porto Velho, setembro, 1997.

_____. Calama: Uma Comunidade no Rio Madeira. Tese de Doutorado, Mimeo, USP, São Paulo, 2000a

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano. Martins Fontes, São Paulo, 1992.

_____. Mito e Realidade. Perspectivas, col. Debates/52, São Paulo, 2002.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço. Hucitec, São Paulo, 1997.

SANTOS, Nilson. Seringueiros da Amazônia: Sobreviventes da Fartura. Tese de Doutorado, Mimeo, USP, São Paulo, 2002.

SUGESTÃO DE LEITURA

PRONOMES DE TRATAMENTO DO PORTUGUÊS DO SÉCULO XVI: Uma Gramática de Uso

TÂNIA REGINA EDUARDO DOMINGOS
Annablume

RESUMO: O livro trata do uso dos pronomes de tratamento pelos portugueses contemporâneos do descobrimento e colonização do Brasil, através da análise das falas das personagens do teatro de cordel português do século XVI. A autora elegeu 13 autos do teatro de Gil Vicente para detectar as diferentes modalidades do uso dos pronomes nas relações de inferioridade, superioridade, igualdade, intimidade, afetividade de diversos tipos humanos.

SUMÁRIO: Os Pronomes nas Gramáticas do Século XVI; Os Pronomes de Tratamento e o Uso nos Personagens dos Cordéis e Autos Populares do Teatro Medieval Português do Século XVI; Regras de Uso.

Áreas de interesse: História, Letras, Linguística.

Palavras-chave: Letras, Literatura Portuguesa, Língua Portuguesa.